



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

HELENICE FRANCO AMORIM

**NÃO BASTA A LUTA DA GENTE! O “CORRE” DE TRABALHADORAS
AMBULANTES EM EVENTOS CULTURAIS NO CENTRO HISTÓRICO DE
BELÉM/PA**

BELÉM - PARÁ
2025

HELENICE FRANCO AMORIM

**NÃO BASTA A LUTA DA GENTE! O “CORRE” DE TRABALHADORAS
AMBULANTES EM EVENTOS CULTURAIS NO CENTRO HISTÓRICO DE
BELÉM/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
como requisito parcial para obtenção de grau de
Bacharel em Ciências Sociais, pela Unidade
Federal do Pará.

Orientador(a): Dra. Luísa Maria Silva Dantas

BELÉM - PARÁ

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

F825n Franco Amorim, Helenice.
NÃO BASTA A LUTA DA GENTE! : O “CORRE” DE
TRABALHADORAS AMBULANTES EM EVENTOS
CULTURAIS NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM/PA /
Helenice Franco Amorim. — 2025.
32 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Luísa Maria Silva Dantas
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de
Ciências Sociais, Belém, 2025.

1. ocupação cultural. 2. ambulantes. 3. Belém/PA. 4.
Amazônia. I. Título.

CDD 301.4442092

HELENICE FRANCO AMORIM

**NÃO BASTA A LUTA DA GENTE! O “CORRE” DE TRABALHADORAS
AMBULANTES EM EVENTOS CULTURAIS NO CENTRO HISTÓRICO DE
BELÉM/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
como requisito parcial para obtenção de grau de
Bacharel em Ciências Sociais, pela Unidade
Federal do Pará.

Orientador(a): Dra. Luísa Maria Silva Dantas

Data de aprovação: ___/___/___

Conceito:

Banca Examinadora:

Orientador(a)

Dra. Luísa Maria Silva Dantas - UFPA

Examinador(a) interno

Dra. Nelissa Peralta Bezerra - UFPA

Examinador(a) externo

Nome e Instituição a que pertence

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar formas de trabalho de vendedoras ambulantes que atuam em eventos culturais no Centro Histórico de Belém/PA. A partir de uma abordagem etnográfica sensível e situada, o estudo investiga como elas elaboram estratégias e logísticas de trabalho, posto que experienciam adversidades no seu dia a dia, sejam imersas em relações de poder desiguais com o Estado, na busca por direitos de acesso à cidade e à moradia, seja para conseguirem visibilidade de escuta para suas próprias narrativas. No cotidiano dessas mulheres, o “correr” se configura como prática de trabalho, cuidado, na reprodução de suas vidas, na luta por dignidade e reconhecimento. O texto evidencia tensionamentos entre informalidade, políticas públicas e ocupação do espaço urbano nesta cidade amazônica, destacando como trabalhadoras constroem territorialidades próprias, neste caso em meio à produção e o fortalecimento de manifestações culturais.

Palavras-chave: ocupação cultural; ambulantes; Belém/PA; Amazônia;

ABSTRACT

This article proposes to analyze the work strategies of street vendors operating at cultural events in the Historic Center of Belém/PA. Through a sensitive and situated ethnographic approach, the study investigates how they develop strategies and logistics, given the adversities they experience in their daily lives, whether within the unequal power relations with the State, in the pursuit of rights to access the city and housing, or to gain visibility for their own narratives. In the daily lives of these women, the 'hustle' – as a form of everyday resistance – manifests as a practice of work and care, in the reproduction of their lives, in caregiving, and in the struggle for dignity and recognition. The text highlights the tensions between informality, public policies, and the occupation of urban space in the Amazonian city, emphasizing how these workers construct their own territorialities amid the development and strengthening of these cultural expressions.

Keywords: Cultural occupation; Street vendors; Belém/PA; Amazônia;

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Ocupação do evento Roda de Samba da Feira no Açaí.....	8
Figura 02 – Selma Sousa dando entrevista para o jornal O Liberal.....	8
Figura 03 – Ambulantes e sambistas na Ocupação Cultural Batuque Feira do Açaí, realizada na Praça das Mercês, em Belém (PA), em dezembro de 2024.....	10
Figura 04 – Chão marcado com o nome da Selma para marcar o lugar que ficará o seu carro.....	12
Figuras 05 e 06 – Praça das Mercês antes e depois do evento aniversário de 4 anos ‘Batuque da Feira do Açaí.....	13
Figura 07 – Fiscal da Secon no evento Seresta do Carmo.....	14
Figuras 08 e 09 – Adriana Nunes e Selma Sousa em parceria vendendo cervejas e refeição.....	16
Figura 10 – Adriana empurrando seu carro para posicionar no ponta da venda.....	17
Figura 11 – Duda posicionando a placa de isopor com os produtos e formas de pagamento.....	18
Figura 12 – Marquinho colocando luz elétrica na placa do carro da Adriana.....	18
Figura 13 – Clientes tirando ‘self’ com a Selma.....	19
Figuras 14 e 15 – Selma organizando as cervejas no isopor e depois atendendo cliente.....	21

LISTA DE SIGLAS

CHB – Centro Histórico De Belém

CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas

COP – Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC)

CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social

DIEESE – Departamento intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

SECON – Secretária Municipal de Economia

SRT – Superintendência Regional do Trabalho

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 PARCERIA ENTRE AMBULANTES E ARTISTAS	9
3 A OCUPAÇÃO CULTURAL EM ESPAÇOS PÚBLICOS DE BELÉM/PA	12
4 O "CORRE" DE TRABALHADORAS AMBULANTES	14
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – AMBULANTES DO SAMBA EM BELÉM	23
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

A prática de trabalho que envolve vendedoras ambulantes e eventos culturais no Centro Histórico de Belém/PA possui muitas camadas. A importância de pesquisar o “correr” destas mulheres que ocupam espaços urbanos de forma estratégica e resiliente é de promover uma via para visibilizar o que vai além da “sobrevivência”, pois o trabalho ambulante envolve redes de solidariedade, saberes práticos e negociações complexas com o espaço urbano, outros atores dissidentes e com o Estado - mas que raramente são reconhecidas como agentes econômicas e culturais legítimas. O estudo aqui apresentado é um desdobramento de pesquisa anterior, com o título “No Confim de Outrora - Uma análise antropológica da ocupação de casarões do Centro Histórico de Belém por trabalhadores ambulantes” (2024), plano de trabalho vinculado ao projeto: Etnografias do trabalho e do cuidado em cidades amazônicas: estéticas, políticas, éticas, saúde e interseccionalidades (2024-2026), sob coordenação da professora Luísa Dantas.

A atuação das interlocutoras desta pesquisa em ocupações culturais são compartilhadas com outros(as) vendedores(as) ambulantes, frequentemente em parceria com o grupo de música Fé no Batuque; juntos, eles promovem uma roda de samba¹, às primeiras sextas-feiras de cada mês, à noite, originalmente na Feira do Açaí, revelando uma cidade que vai para além do planejado, que está sendo produzida a partir de uma dimensão da arte criadora (Lefebvre, 2001), resultante dessa união entre vendedores ambulantes e o grupo de samba. No cotidiano, as ambulantes criam formas próprias de negociação e permanência nos espaços. Para esta pesquisa, a construção das trajetórias sociais (Velho, 1994) de nossas interlocutoras tornou-se fundamental, sendo realizadas por meio de reflexões biográficas com as trabalhadoras, para identificarmos como seus repertórios de valores, ideias, representações e as suas condições históricas, intervêm na modificação das práticas de trabalho ao longo do tempo.

Muitos serviços compõem o que podemos chamar de “trabalho informal”, aquele que não é contemplado por direitos trabalhistas e registro na carteira de trabalho e previdência social (CTPS); dentre eles, atividades nas ruas, com falta de condições dignas às/aos trabalhadoras/es, à exemplo das/dos ambulantes, com inacessibilidade a benefícios, como férias, décimo-terceiro salário e auxílio-saúde, revelando uma dinâmica de trabalho exposta às intempéries climáticas, à apreensão de mercadorias, à instabilidade, ao perigo e à marginalidade. A informalidade não

¹ A roda de samba é um projeto do grupo Fé no Batuque que visa levar o samba a espaços públicos, visando dar oportunidade ao samba autoral paraense e às novas gerações de sambistas, além de incentivar artistas de outros gêneros da música, segundo o intérprete, sambista e idealizador do grupo, Geraldo Nogueira.

oferece direitos básicos protegidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), o Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, recepcionado Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1942; 1988)². Tais normas tutelam a garantia de qualidade de vida e saúde à população trabalhadora, cujos órgãos fiscalizadores são o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e as Superintendências Regionais do Trabalho (SRTs), assim como o Ministério Público Trabalho.

O Centro Histórico de Belém (PA) é um mosaico de história, cultura e resistência amazônica, localizado nos bairros da Cidade Velha e Campina. Abriga construções desde o século XVII, como o Forte do Presépio (erguido em área antes habitada pelos povos indígenas Tupinambás e Pacajás, no atual bairro da Cidade Velha), a Catedral da Sé, o Museu do Estado do Pará, o Mercado Ver-o-Peso e a Praça do Relógio, construções que fizeram parte da missão portuguesa para consolidar o domínio lusitano na Amazônia Oriental e explorar as chamadas “drogas do sertão”³ (Castro e Campos, 2015).

Como parte do Centro Histórico, integrando o Complexo do Ver-o-Peso, a Feira do Açaí foi o local que deu início à parceria entre as ambulantes e a Roda de Samba Fé no Batuque (Figura 01), em dezembro de 2019, ocorrendo posteriormente em outros espaços da Cidade Velha, como na Praça das Mercês e no Boulevard da Gastronomia, desde que a Feira do Açaí entrou em reforma, em junho de 2024. O espaço ocupa atividades tradicionais, como a compra e venda do açaí, mas também há oferta de comidas e bebidas⁴, além do exercício de manifestações artísticas, como o carimbó aos domingos e a roda de samba nas primeiras sextas feiras dos meses.

A feira é um dos principais pontos de abastecimento de Belém e funciona como território de acolhimento para trabalhadores informais diariamente. Nos espaços públicos da Cidade Velha, onde ocorrem manifestações culturais, as vendedoras são parte expressiva das dinâmicas do comércio informal. Destacamos que a Região Metropolitana de Belém, particularmente o Centro Histórico, é um campo de possibilidades (Velho, 1994) e, para fazer o “correr”, as trabalhadoras elaboram estratégias e logísticas, posto que experienciam adversidades no seu dia a dia, sejam imersas em relações de poder desiguais com o Estado, na

² Ainda que esses direitos estejam sendo extinguidos e continuamente ameaçados, vide as Reformas Trabalhista (Lei nº 13.467/2017) e da Previdência (Emenda Constitucional nº 103/2019) e a atual fase do capitalismo flexível, que estimula empregos desprotegidos, sob a fálacia do “empreendedorismo”.

³ Ao longo dos séculos, a Amazônia desenvolveu uma economia marcada pela extração de recursos naturais. Essa trajetória gerou profundas desigualdades sociais e uma estrutura fundiária concentrada, além de uma urbanização tardia e fragmentada (Castro e Campos, 2015).

⁴ Os boxes funcionam 24h, normalmente ambientados pelo som do tecno-brega, ritmo popular e periférico da região; também com a presença de profissionais do sexo, diversidade de trabalhadores ambulantes e de público.

busca por direitos de acesso à cidade e à moradia, sejam para conseguirem visibilidade de escuta para suas próprias narrativas⁵ (Figura 02).

Figura 01 – Ocupação do evento Roda de Samba da Feira no Açaí (Feira do Açaí/Brasil – 2024).



Fonte: Luísa Maria Silva Dantas

Figura 02 – Selma Sousa dando entrevista para o jornal O Liberal (Praça das Mercês - Campina/Brasil - 05/12/2024).



Fonte: A autora.

⁵ Os recentes dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), registrou que no Pará 57,6% da população ocupada está trabalhando sem carteira assinada ou CNPJ, equivalente a 2,3 milhões de pessoas. Divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no quarto trimestre de 2024, o estudo evidenciou que o trabalho informal no Pará é a 2ª maior taxa do Brasil, atrás apenas do Maranhão (58,4%). Fonte: **O Liberal – Economia (fev. 2025)**.

O propósito do projeto coletivo de pesquisa é identificar estéticas, éticas, políticas e o estado de saúde de trabalhadoras/es e cuidadoras/es residentes em cidades amazônicas, com a construção de etnografias em múltiplos suportes, visando a compreensão de como produzem as cidades. O estudo das memórias do trabalho, como proposto por Eckert e Rocha (2015), nos estimula a acessar os sentidos profundos da vida urbana belenense, especialmente nas margens da “formalidade”⁶.

Foram realizadas incursões etnográficas, com observações diretas e participantes, conversas informais e entrevistas semiestruturadas, no período de setembro de 2024 a agosto de 2025. Procuramos construir com elas narrativas biográficas, cotidianas, seus usos do tempo e itinerários urbanos para compreender como se organizam, no desenvolvimento do seu laboro; como se dão as ocupações dos espaços e que dificuldades enfrentam. A interlocução ocorreu com vendedoras de cervejas, majoritariamente mulheres, que trabalham em eventos culturais no Centro Histórico de Belém/PA, participam e/ou participaram da construção e do fortalecimento dessas manifestações culturais.

A partir da pesquisa de campo realizada, compreendemos que o papel das vendedoras no espaço público, com a promoção de um evento cultural, leva-as a serem mais do que vendedoras de cervejas, podendo também ser nomeadas enquanto produtoras culturais na cidade⁷. Suas trajetórias sociais se conectam ao trabalharem como ambulantes no Centro Histórico de Belém/PA, mas com itinerários sem fronteiras fixas⁸, os quais nossas principais interlocutoras, Selma Sousa e Adriana Nunes, tecem teias de solidariedade, interagem com dinâmicas familiares e formas de composição da vida doméstica (Telles, 2006, p. 75). Por meio de suas “artes de fazer” (Certeau, 1994), o Centro torna-se palco de eventos culturais autogeridos, como as rodas de samba.

2 PARCERIA ENTRE AMBULANTES E ARTISTAS

No início, a realização da Roda de Samba Fé no Batuque no Centro Histórico teve a participação de dez vendedores ambulantes⁹. Dentre as dez pessoas, cinco mulheres atuam no

⁶ Colocamos a palavra entre aspas porque essa “formalidade” é vivenciada por pequena parte dos trabalhadores, além disso, é vista como algo muito mais imaginado e simbólico, do que efetivamente vivido.

⁷ Ainda que não tenham visibilidade e reconhecimento formalizados nas narrativas hegemônicas sobre a festa.

⁸ Segundo Telles (2006), a cidade se revela nas trajetórias dos sujeitos, que desenham diagramas muito diferenciados de relações conforme as regiões da cidade, das situações de vida e os tempos sociais cifrados em seus espaços. Portanto, o CHB, nesse sentido, se apresenta como um território fluido, onde trabalhadoras informais, como Selma e a Adriana, constroem seus percursos, produzem cultura e estabelecem territórios de amizade e circulação.

⁹ O grupo foi originalmente formado por Selma, Adriana, David, Duí, Meuri, Careca, Matheus, Daisy, Marquinho e Josiel.

grupo, Adriana, Selma, Dayse, Meuri e Joice. Estando mais à frente da liderança da ocupação cultural, a vendedora Selma Sousa, juntamente com Adriana Nunes, estava como representantes do grupo de ambulantes envolvidos na iniciativa.

A parceria entre os ambulantes e a Roda de Samba Fé no Batuque tem cinco anos, fortalecida a partir da saída da pandemia da Covid-19¹⁰, quando chegou até Selma a informação de que o grupo musical se apresentava na primeira sexta-feira do mês, no quiosque na Feira do Açaí e, após o grupo terminar a parceria com o quiosque que o apoiava¹¹, houve conjunção de interesses entre o grupo musical e os ambulantes para dar continuidade às manifestações no mesmo local (Figura 03).

Figura 03 – Ambulantes e sambistas na Ocupação Cultural Batuque Feira do Açaí, realizada na Praça das Mercês, em Belém (PA), em dezembro de 2024.



Fonte: Rocha, Eduardo. (Praça das Mercês – Campina-Bel/Brasil - 06/12/2024)

As ocupações culturais do samba, a partir dessa nova parceria, iniciaram no segundo semestre de 2020, mas tiveram que ser interrompidas primeiramente pela pandemia, e, mais recentemente, quando as obras para a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas - COP 30, que acontecerá em Belém entre 10 e 25 de novembro de 2025, começaram no local, em 2024, deslocando o evento para a praça Visconde do Rio Branco, popularmente conhecida como Praça das Mercês e o Boulevard Paulo Martins da

¹⁰ A pandemia de COVID-19, causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, foi reconhecida como emergência global pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020. Em Belém, o enfrentamento à crise sanitária incluiu períodos de *lockdown* e restrições severas à circulação e às atividades econômicas, conforme os seguintes decretos: Decreto nº 95.955/2020 (18 de março de 2020): declarou situação de emergência e suspendeu eventos públicos e aulas presenciais; Decreto nº 96.060/2020 (6 de maio de 2020): instituiu o primeiro *lockdown* na Região Metropolitana de Belém; Decreto nº 96.378/2021 (15 de março de 2021): estabeleceu novo *lockdown* com medidas mais rígidas diante do avanço da segunda onda. Decreto nº 96.554/2021 (28 de abril de 2021): iniciou o processo de flexibilização gradual das atividades.

¹¹ De acordo com as ambulantes, a parceria foi finalizada com a chegada delas no local, pois o responsável pelo quiosque teria dito que não pagaria a banda para dar dinheiro aos concorrentes, os chamando de “carniça”.

Gastronomia¹², localizados no bairro da Campina. A reforma da Feira do Açaí, finalizada no final de junho de 2025, trouxe melhorias, como boxes lajotados, bancadas de granito e iluminação em LED, com apoio da Prefeitura e Itaipu Binacional¹³. Embora a revitalização apresente avanços para os trabalhadores e clientela, há o risco de proibição das práticas culturais e expulsão de trabalhadores ambulantes, especialmente com a chegada do megaevento da COP 30. A Feira do Açaí é um dos espaços mais emblemáticos do Complexo do Ver-o-Peso, onde mulheres atuam como vendedoras ambulantes, boieiras¹⁴ e permissionárias¹⁵, muitas vezes, sem vínculo formal com o poder público (Lima e Rodrigues, 2017).

Para a ocupação cultural se realizar, Selma Sousa articula, organiza e viabiliza, em parceria com Adriana, outras/os ambulantes e os integrantes do grupo musical, a garantia do alvará, a limpeza e segurança no espaço escolhido, para além da venda de bebidas alcoólicas e de comidas; até a busca por financiamentos e parcerias. Elas trabalham como vendedoras ambulantes de cervejas, bem como, enquanto trabalhadoras da cultura – materialização da "carreira correria" (De Tommasi, L.; Silva, G. M da., 2020)¹⁶.

Este termo, “carreira correria”, se liga às nossas interlocutoras, pois constroem suas agências a partir de ações autônomas, muitas vezes, sem apoio estatal que deem suporte concreto; mesmo com adversidades, elas estão fazendo espaços culturais vivos (como o samba na Feira do Açaí, em Belém), que promovem identidade, solidariedade e pertencimento; realizando a mobilização de redes informais, afetivas e territoriais, bem como, a mistura entre trabalho, vida pessoal e resistência.

Ocupações culturais como esta fazem com que a economia criativa (Reis, 2006)¹⁷ local se movimente, com venda de produtos, serviços e circulação de dinheiro no território, gerados pela articulação entre ambulantes, artistas e público. Estas atividades sustentam famílias, dinamizam o comércio local e democratizam o acesso à cidade e à cultura, sendo de muita

¹² Ponto turístico da capital paraense que concilia lazer e economia no Centro Histórico da cidade, inaugurado pela Prefeitura de Belém, na gestão de Edmilson Rodrigues (Psol), em 2023.

¹³ Empresa binacional que pertence ao Brasil e ao Paraguai, a usina hidrelétrica Itaipu é localizada em Foz do Iguaçu (PR).

¹⁴ Vendedoras de comidas, decorrente do linguajar popular que nomeia comida de “bóia”.

¹⁵ Trabalhadoras/es que tem o aval da prefeitura para trabalhar na feira.

¹⁶ A expressão, usada por De Tommasi e Silva (2020), é uma forma crítica e simbólica de descrever a realidade de muitos trabalhadores(as) da cultura nas periferias brasileiras. “Carreira correria”, representa a materialização de trajetórias de trabalho marcadas pela instabilidade, informalidade e múltiplas atividades que, de acordo com os autores, tal materialização envolve o trabalho precário e informal, com a mistura entre trabalho e a vida pessoal.

¹⁷ A autora articula economia criativa com políticas públicas e desenvolvimento, a partir da valorização da cultura local, reconhecendo o papel das micro e pequenas iniciativas culturais como motores da economia criativa — o que dialoga diretamente com o trabalho das vendedoras ambulantes e produtoras culturais em Belém.

importância a continuidade do projeto da Roda de Samba para os ambulantes, público e para a cidade de Belém.

3 A OCUPAÇÃO CULTURAL EM ESPAÇOS PÚBLICOS DE BELÉM/PA

Os espaços públicos são frequentemente ocupados de formas e maneiras não planejadas e/ou ressignificadas (Certeau, 1994). A apropriação espontânea por indivíduos ou coletivos, como ambulantes, artistas de rua, moradores em situação de rua, entre outros, é uma das caracterizações desse tipo de ocupação. Segundo a interlocutora Selma Sousa, "A gente chega naquele local e faz a ocupação" (Figura 04), revelando uma prática profundamente política e transformadora (Lefebvre, 2001). Nos territórios do Centro Histórico de Belém diversas práticas reinventam, taticamente, os espaços e os discursos impostos pelo poder institucional (Certeau, 1994).

Figura 04 – Chão marcado com o nome da Selma para marcar o lugar que ficará o seu carro.



Fonte: Luíza Brilhante Bezerra (Boulevard da Gastronomia – Campina – Belém/Brasil – 2024)

Estas ocupações podem ser entendidas enquanto formas de expressão artística. Dentro da vida urbana belenense, são modos de reivindicar o direito à cidade (Lefebvre, 2001), à memória, à convivência e à produção de sentidos coletivos. Com efeito, os eventos ocorridos a

partir da ocupação cultural geram a melhor renda do mês para os/as ambulantes, como pontua a interlocutora Selma:

É o melhor evento que a gente tem no ano, começou com um formato muito pequeno, mas hoje ocupa todo esse espaço (Praça das Mercês). É bem requisitado, a galera espera um mês por esse evento e até agora, para nós, está tudo muito bom. O que falta é apoio que nós não temos (16/05/24).

Por não possuírem recursos públicos ou privados de maior escala, não é possível realizar a roda de samba mais de uma vez ao mês, pois a estrutura para a realização gera muitos gastos para o grupo de ambulantes¹⁸. Apesar da escassez de recursos para a realização mais estruturada do evento, para os ambulantes, artistas e o público, os espaços da Cidade Velha, como as praças e ruas, deixam de ser apenas locais de passagem e viram palcos de arte e resistência (Figuras 05 e 06). Como resultado, a ocupação cultural da Roda de Samba desafia o planejamento urbano tradicional e reivindica o direito à cidade (Lefebvre, 2001).

Figuras 05 e 06 – Praça das Mercês antes e depois do evento aniversário de 4 anos ‘Batuque da Feira do Açaí

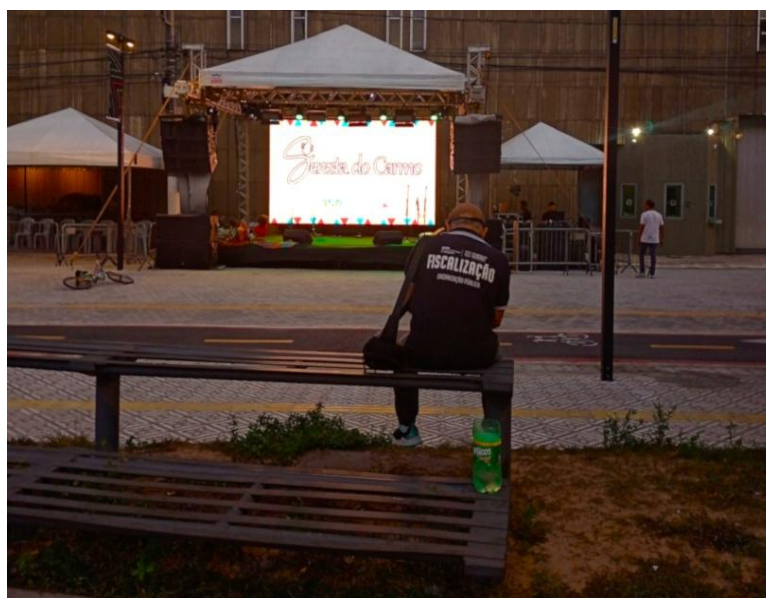


Fonte: A autora (Boulevard Da Gastronomia - Campina/Brasil – 07/12/2024)

¹⁸ Contudo, mais recentemente, formou-se uma nova configuração da parceria entre músicos e ambulantes (com alguns integrantes do Samba da Feira do Açaí e outros não), promovendo o Samba do Mercado, que tem ocorrido todos os sábados à tarde, também no Centro Histórico e/ou nas imediações.

Ao observarmos dinâmicas do trabalho urbano na cidade de Belém, podemos sugerir que essas vendedoras vivenciam o “bazar metropolitano”, pois estão em constante movimento, nas fronteiras entre o legal e o ilegal (Telles, 2007)¹⁹. Para a realização da manifestação cultural, Selma faz parte do “corre” burocrático para que o evento ocorra, pois, segundo ela, “antigamente a gente não precisava de licença lá, a gente chegava lá e ocupava o espaço, igual o ‘samba da resistência’²⁰. Só que agora, com a polícia já dando em cima e tudo, a gente só trabalha com licença”²¹ (Figura 07).

Figura 07 – Fiscal da Secon no evento Seresta do Carmo.



Fonte: A autora (Boulevard da Gastronomia Campina-Belém/Brasil - 31/01/2012).

Neste sentido, o espaço público pode ser entendido como um campo de conflito entre o planejamento estatal e as práticas populares (Lefebvre, 2001). Nos cenários da pesquisa foram observados que as disputas pelo direito à cidade revelam constante tensão nas relações de poder nos espaços urbanos. Os vendedores criam formas de existir na cidade, moldam o espaço urbano com suas presenças e práticas, e constroem identidades profissionais fora dos moldes formais (Barroso, 2017). Sendo assim, o cenário da cidade belenense com suas práticas urbanas não obedece a dicotomias, interessando à pesquisa a aproximação do ilegal,

¹⁹ Desenvolvido por Vera Telles e Daniel Hirata (2007), o conceito “bazar”, no contexto urbano, representa a mistura entre o legal, o ilegal, o informal e o ilícito tanto nas práticas econômicas quanto nas sociais. Por exemplo, as vendedoras de cervejas não possuem benefícios legais de trabalho ao mesmo que participam de projetos culturais locais, nessa trajetória elas vão reinventando sua forma de trabalhar e viver.

²⁰ Outro evento cultural em parceria com o Fé no Batuque que começou a ocorrer em um casarão antigo do Centro Histórico ocupado por parte das ambulantes e, posteriormente ao incêndio que acometeu a edificação em dezembro de 2023, houve algumas edições em frente, na rua Leão XVIII.

²¹ Entrevista formal realizada no dia 16/05/2024 na casa de Selma e Adriana.

informal e mesmo ilícito, para compreender algumas práticas agenciadas pelo trabalho ambulante (Telles, 2006).

4 O "CORRE" DE TRABALHADORAS AMBULANTES

Como capital importante da Amazônia, Belém possui uma das maiores taxas de informalidade do Brasil, com cerca de 60% da população economicamente ativa fora do mercado formal²². O trabalho informal no Brasil é marcado por desigualdades estruturais, precarização e resistência cotidiana. Em sua maioria, com 41%, estão as mulheres negras na informalidade²³. Outro destaque estatístico está na divisão sexual do trabalho, na imposição de tarefas mais pesadas²⁴ e invisibilizadas às mulheres, como os cuidados e o trabalho doméstico não remunerado²⁵. Isso mostra como a divisão sexual do trabalho impõe às mulheres funções precárias e desvalorizadas, reforçando hierarquias de gênero e classe (Hirata e Kergoat, 1997). Na perspectiva de força de trabalho feminina na região Norte, nos dados do 4º trimestre de 2023, entre as mulheres que ganhavam até 1 salário-mínimo no Estado do Pará, as mulheres negras estão com 65,5%, enquanto entre as não negras essa proporção era de 50,2%²⁶ (Gráfico 1). Esses dados elucidam trajetórias marcadas por interseccionalidades (Crenshaw, 1991) vividas pelas mulheres no trabalho informal²⁷, também, ajudam a comparar as diferenças entre grupos e estados, destacando onde a vulnerabilidade econômica é mais acentuada.

Outrossim, a taxa de informalidade, por sexo, no ano de 2024, foi de 37,1% entre mulheres e 40,1% entre homens. Outro aspecto relevante sobre a taxa de informalidade no Brasil, conforme apresenta o Gráfico 2, desde o ano de 2016 essa taxa vai gradativamente aumentando. Ainda que os homens apresentem uma taxa ligeiramente maior, as mulheres enfrentam condições mais precárias, especialmente nas ocupações de cuidado e serviços. Dentro dessas relações díspares, está a desigualdade de gênero na divisão do trabalho, que afeta no dinamismo de suas vidas, pois muitas das tarefas que envolvem a atividade nas ruas são

²² *Idem* Nota nº 6.

²³ Fonte: DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – DIEESE. *Boletim especial: Dia Internacional da Mulher – Mulheres no mercado de trabalho: desafios e desigualdades constantes*.

²⁴ Como, mesmo quando trabalham fora, as mulheres continuam sendo as principais responsáveis por tarefas domésticas e cuidados com filhos, idosos ou pessoas com deficiência. No caso das nossas principais interlocutoras, como dividem uma casa, elas dividem as tarefas domésticas durante a semana e o cuidado com duas crianças, filhos da Adriana Nunes.

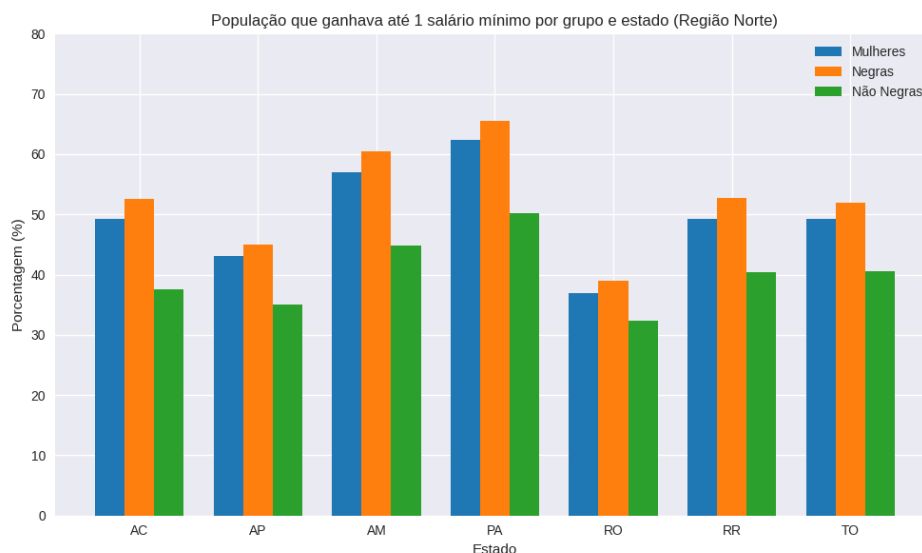
²⁵ Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. ISBN 978-85-240-4605-6.

²⁶ Fonte: DIEESE. *Mulheres no mercado de trabalho – regiões do Brasil*. São Paulo: DIEESE, 2024.

²⁷ O conceito de “Interseccionalidade”, cunhado pela autora Kimberlé Crenshaw (1991), como ferramenta teórica e política para a compreensão de como diferentes formas de opressão se cruzam e se sobrepõem na vida das pessoas, serve para compreendermos as trajetórias das nossas interlocutoras.

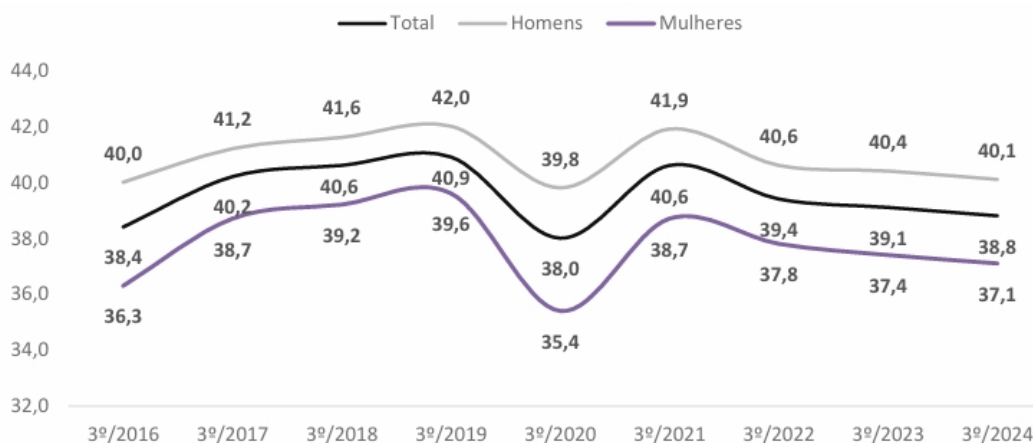
mais laboriosas do que para um homem, como narra Selma: “Aí tem coisa que não dá pra nós mulher fazer, a gente tem que chamar um morador de rua, pedir pra alguém”²⁸.

Gráfico 1 - Mulheres no mercado de trabalho que ganhavam até um salário-mínimo - 2023



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) – IBGE.

Gráfico 2 – Trabalho de informalidade, por sexo, no Brasil – 2016 a 2024



Fonte: PNAD Contínua/IBGE

O trabalho na venda de cervejas - ou outros tipos de mercadorias - geralmente exige atividades extensas e intensas para todos que trabalham²⁹; algumas funções desempenhadas

²⁸ Entrevista formal realizada no dia 16/05/2024 na casa de Selma Sousa e Adriana Nunes.

²⁹ Posto que envolve um trabalho anterior aos dias de venda, como, escolha, às vezes, briga e pagamento para a reserva do local de venda, compra de cervejas, gelo etc. Além de longas permanências no local antes, durante e pós-venda, quando precisam organizar a mercadoria e retornar, extremamente cansadas para guardar seus carros e desocupar as vias.

afetam diferentemente essas vendedoras, já que, de acordo com os dados, mulheres informais ganham menos que homens informais, mesmo realizando funções semelhantes (Duarte, Isabela *et al.*, 2024). Diante do discurso do “empreendedorismo feminino” (Amorim, 2012) e da “economia solidária” (Singer, 2008), muitas vezes, oculta-se a precarização e a ausência de direitos. Comumente, a informalidade é apresentada como escolha ou autonomia, mas na realidade revela instabilidade, baixos rendimentos e sobrecarga para elas (Rosalino, 2024)³⁰, pois ainda realizam o trabalho doméstico e de cuidados (Hirata e Kergoat, 1997). Desse modo, a inserção das mulheres no mercado de trabalho continua marcada por discriminação de gênero e desvalorização profissional (Georges e Silva, 2008).

As vendedoras Selma Sousa e Adriana Nunes construíram seus vínculos sociais por meio de relações de parentesco e apadrinhamento. Selma tem 49 anos e Adriana, 27 anos. Ao analisar as suas trajetórias sociais, práticas laborais, itinerários urbanos, modos de organização, reprodução da vida, cuidados e trabalho não remunerado, identificamos redes de solidariedade entre elas, construídas a partir de relações de parentesco³¹, apadrinhamento e alianças que sustentam e fortalecem a parceria e continuidade no trabalho (Figuras 08 e 09). As trabalhadoras ambulantes que atuam em eventos culturais no CHB são mulheres negras, migrantes e mães. A interseccionalidade é uma lente que revela como diferentes formas de opressão se entrelaçam na vida das pessoas, especialmente de mulheres negras que enfrentam simultaneamente racismo, sexismo e precarização laboral (Gonzalez, 2018). Diante disso, observamos que essas mulheres vivem interseccionalidades reais: são negras, periféricas, migrantes, chefes de família, atuam na informalidade e enfrentam múltiplas violências simbólicas (Crenshaw, 1991).

³⁰ Dados referentes do artigo “*Ao cair da noite: uma etnografia com ambulantes noturnas em Belém do Pará*”, de Yasmim Costa Rosalino (2024), integrante do projeto, resultado de uma pesquisa vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), sob coordenação da professora Dra. Luísa Maria Silva Dantas (2023-2024).

³¹ Selma e Adriana moram juntas e os filhos da segunda chamam a primeira de “vovó”, ainda que não possuam vínculos biológicos, revelando uma dimensão do parentesco contemporâneo.

Figuras 08 e 09 – Adriana Nunes e Selma Sousa em parceria vendendo cervejas (acima) e refeição (abaixo).



Fonte: A autora (Boulevard da Gastronomia – Campina-Bel/Brasil – 30.08 e 22.06/2025)

Selma é cearense, após conhecer uma pessoa, veio para Belém, mora aqui há 27 anos, enquanto Adriana é paraense, mas especificamente de Portel, na Ilha do Marajó. Elas se conheceram por meio de um amigo em comum e, com o tempo, passaram a morar na mesma ocupação e trabalhar juntas; atualmente, após o edifício em que moravam pegar fogo em dezembro de 2023, continuam morando juntas e os dois filhos de Adriana chamam Selma de “vó”. Com isso, compreendemos a existência de uma “árvore relacional” (Bezerra, 2025)³² que não é restrita a laços de sangue, mas se amplia em vínculos de afeto, companheirismo e sobrevivência compartilhada nas ruas da cidade, como discutido contemporaneamente pela antropologia nos estudos de parentesco.

Essa rede de parentesco formada entre elas dentro de uma estrutura social estratégica (Strauss, 1980), reforça um mercado informal socialmente estruturado, não desordenado, no qual criou-se vínculos de aprendizados (Barroso, 2017). Outro aspecto relevante observado na pesquisa são as táticas e as astúcias femininas nos eventos culturais de Belém (Certeau, 1994), para ocupar os espaços públicos, negociar “pontos”, driblar a fiscalização ou realizar funções que necessitam de mais força física (Figura 10).

Figura 10 – Adriana empurrando seu carro para posicionar no ponto da venda.

³² Dados referentes ao trabalho o trabalho “*O canto do trabalhador*”: *etnografia sobre relações de trabalho ambulante, sociabilidades e poder na festa Samba Batuque Feira do Açaí em Belém (PA)*, de Luíza Brilhante Bezerra (2025), integrante do projeto desde 2024, mestranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) na Universidade Federal do Pará (UFPA). Os resultados são parte da pesquisa de iniciação científica vinculada ao PIBIC/CNPq, sob coordenação da professora Dra. Luísa Maria Silva Dantas (2024-2025).



Fonte: A autora (Boulevard da Gastronomia – Campina-Bel/Brasil - 05/12/2024)

Uma dessas astúcias empregadas é analisada na narrativa de Selma, conforme ela conta: “Aí tem coisa que não dá pra nós mulher fazer, a gente tem que chamar um morador de rua, pedir pra alguém”. Como vendedoras ambulantes, suas locomoções pela cidade se dão diferentemente dos homens, conforme a mesma:

E, às vezes, (...), na rua, nem quando a gente tá vindo, a gente consegue alguém que faça alguma coisa pra gente. Então, geralmente quando a mulher trabalha, ela tem o marido dela, aí ela tem ali quem vai comprar o gelo dela, quem arruma. Pô tu já pensou uma pessoa jogar uma saca de gelo aqui dentro do carro? Isso aqui tudo meu incha, isso aqui é de puxar o carro, entendeu? Então não é só agora não, é amanhã (16/05/24).

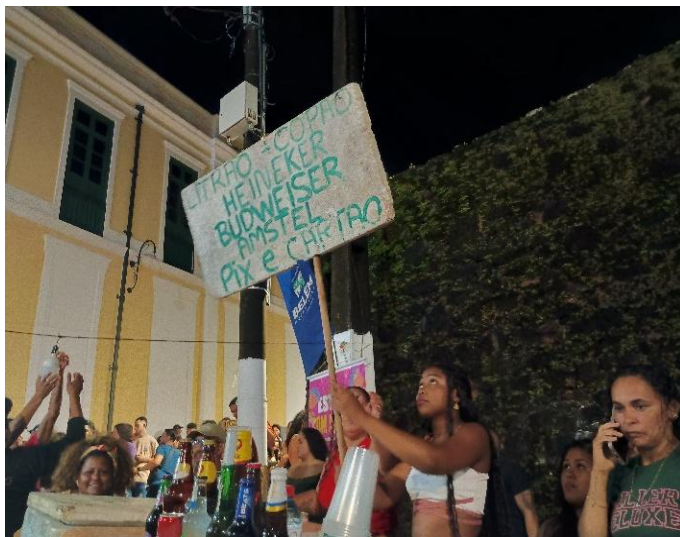
Nesse sentido, compreendemos que as vendedoras produzem “táticas de sobrevivência” nas suas práticas de trabalho³³ (Certeau, 1994). O carrinho de venda dessas trabalhadoras é transformado em algo multifuncional (exposição, estoque, guarda-chuva) (Figuras 11 e 12). Além disso, elas também negociam com fiscais e criam vínculos com eventos culturais como “tática” de permanência (ex: juntar-se à roda de samba para vender). A interlocutora Selma sabe negociar com veteranos, respeitar “código encobertos” (Sennett, 1999): “quando chego num lugar desse aí, eu já mando dar cabo³⁴, (...) eu falo com todo mundo,

³³ As vendedoras ambulantes, estando a frente ou não da organização do evento, suas ações de quem não tem um lugar próprio de poder, tem um continuum movimento dentro das regras impostas, as quais elas seguem desviando, se adaptando e se reinventando.

³⁴ Saber quem “manda” na área.

(...), não tenho esse negócio comigo de frescura, e aí eu chego lá perguntando quem era considerada, né, que é a fulana e tal”.

Figura 11 – Duda posicionando a placa de isopor com os produtos e formas de pagamento.



Fonte: A autora (Feira do Açaí – Cidade Velha-Bel/Brasil - 08/08/2025)

Figura 12 – Marquinho colocando luz elétrica na placa do carro da Adriana: “Gambiarra não, ajustes técnicos”.



Fonte: A autora (Boulevard da Gastronomia – Campina-Bel/Brasil - 30/08/2025)

Dentro dos espaços em que essas trabalhadoras ocupam, a reputação é uma estratégia de reconhecimento que elas criam entre os grupos sociais (Becker, 2008). Usam a astúcia para driblar a censura e exclusão, reinventando o uso dos espaços públicos que não lhes foram oficialmente concedidos. Assim como buscam lidar com clientes, fazendo o uso de linguagem estratégica até para fidelizar, como pontua Selma, o bom tratamento é o “carro chefe” (Figura 13).

Mas o que fideliza mesmo o cliente é o tratamento. Na minha opinião, né? É o tratamento. Ser bem tratado. Às vezes, a cerveja daquele carro pode estar até quente, ‘Égua, Selma, tua cerveja tá quente’, mas, ‘égua, Selma trata a gente tão bem, vou comprar com ela’. O tratamento, ele é assim primordial. É duas coisas importantes pro cliente voltar, cerveja gelada e tratamento (16/05/24).

Assim, aprendemos neste trecho formas de constituir o trabalho na rua. As táticas são ações pontuais, oportunas e adaptativas (Certeau, 1994). Dessa maneira, para fugir de repressões, as vendedoras contam com apoio das redes de proteção, assim como, o

reconhecimento social dentro dos próprios circuitos de informalidade. Nas ocupações culturais no Centro Histórico de Belém, o *habitus* (Bourdieu, 1989) aparece nos gestos do “corre”, seja no modo de abordar clientes, saber o lugar certo para montar a banca ou colocar o carrinho, aprender com mães, tias ou colegas como resistir à repressão urbana, na criação de práticas como “chegar na humildade”, que são ensinadas pela vivência. A confiança interpessoal entre os espaços urbanos de Belém torna-se essencial (Giddens, 1991).

Figura 13 – Clientes tirando *self* com a Selma.



Fonte: A autora (Praça das Mercês – Campina – Belém/Brasil - 07/12/2024)

Como o Estado não garante proteção, o cotidiano é sustentado por redes afetivas e alianças familiares. Essa confiança é reflexiva: construída no olho no olho, nas histórias de vida compartilhadas, nas experiências de “subir e cair” juntas, experienciadas por Selma e Adriana (Barroso, 2017)³⁵. Existir no espaço urbano é um risco a ser enfrentado, para lidar com isso a confiança parece funcionar como moeda social - vital para manter seu espaço e sua

³⁵A autora Priscila Barroso (2017), aponta que a atuação nas ruas é sustentada por vínculos familiares, comunitários e de vizinhança, que funcionam como suporte emocional e econômico. Diante disso, compreende-se que pelas ruas do CHB, as interlocutoras configuram suas sociabilidades mediante as correrias do dia a dia.

sobrevivência. Este reconhecimento está diretamente ligado às relações de confiança e à construção de alianças. Por exemplo, as ambulantes confiam nas colegas para segurar o ponto, compartilhar mercadoria ou dar suporte, criam laços com clientes que voltam sempre e sustentam suas vendas, recorrem a redes de afeto e solidariedade em momentos de crise ou repressão, elas criam sistemas próprios de segurança, fluidos e afetivos.

A legitimidade entre ambulantes não depende de registro em carteira, mas de reconhecimento pela prática cotidiana, pela habilidade de navegar o espaço urbano com astúcia (Certeau, 1994) e de construir vínculos duradouros, como os laços entre as vendedoras e os músicos do Fé no Batuque. Os vínculos entre eles constroem segurança, posto que vivem em contextos sociais marcados pela incerteza (Giddens, 1991), por isso, a confiança entre as vendedoras e o grupo de músicos é fundamental³⁶, em referência a críticas de alguns ambulantes em relação às diferenças entre a atuação deles e do grupo de artistas, Selma contestou:

O Geraldo é cantor. Ele toca pandeiro, ele não vende cerveja. Porque quem tem que arrumar é nós (espaço), que é nós que precisa. ‘Ah, mas o Geraldo também’. Pois é, ele precisa cantar, se ele não cantar aqui, vai cantar em outro lugar. (...) Tu tem que encarar a tua realidade. A minha realidade não é a tua realidade (16/05/24).

Embora autônomas, elas estabelecem uma rotina de trabalho necessária para garantir um rendimento mínimo para seu sustento ao longo do mês. A autonomia que a venda ambulante propicia, “traz uma renda boa” que, para a interlocutora Selma, “é melhor do que você estar dentro de uma cozinha ganhando um salário-mínimo”. As mulheres dedicam, em média, 6 horas a mais por semana ao trabalho total (remunerado + não remunerado) do que os homens. Esta atividade é reconhecida como trabalho produtivo (Saffioti, 1978). Isto inclui afazeres domésticos e cuidados com familiares, que não são contabilizados como trabalho formal³⁷.

Nos bastidores desse trabalho, elas dispõem de muitas estratégias para sair às ruas e realizar as vendas, como o caso de Selma que de segunda-feira a quinta-feira, se não tiver nenhum evento no meio da semana, está cuidando das coisas da casa, cuidando dos filhos, “cuidando, porque todo mundo tem suas obrigações em casa”. Concluiu que, “fim de semana a gente não tem vida social, é trabalho, porque as melhores vendas são nos fins de semana, né, que é quando o povo vai pra rua, beber, curtir, brincar, e é onde a gente tá lá, nos bastidores trabalhando” (Figuras 14 e 15).

Fotos 14 e 15 – Selma organizando as cervejas no isopor e depois atendendo cliente.

³⁶ Ainda que constantemente posta à prova.

³⁷ Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: outras formas de trabalho 2023*.



Fonte: A autora (Boteco os Brothers – Boulevard da Gastronomia - Campina-Bel/Brasil - 31/01/2012)

Podemos dizer, não sem limitações, que as ambulantes que atuam no Centro Histórico de Belém, Selma Sousa e Adriana Nunes, vivem na intersecção entre trabalho produtivo e reprodutivo, porque vendem suas mercadorias nos espaços públicos (trabalho produtivo), cuidam da casa, dos filhos, da comunidade (trabalho reprodutivo) e, por fim, organizam eventos culturais, como a Roda de Samba Fé no Batuque, que mobiliza redes afetivas e econômicas — misturando cuidado, cultura e sobrevivência. Portanto, o trabalho produtivo, se assim insistirmos em nomear, realizado por elas não é só econômico — mas também afetivo, simbólico, territorial, como propõe Lefebvre (2001).

Ante o exposto, ao analisar as narrativas dessas vendedoras ambulantes, buscamos compreender as subversões do uso da cidade, suas dinâmicas de trabalho, qual o espaço permitido e o não permitido, suas formas de sociabilidade (Simmel, 1987), assim como, as consequências desventuradas devido ao trabalho que realizam, podendo revelar contrastes de gênero nesse tipo de atividade na rua, sendo elas figuras modernas do trabalhador urbano (Telles, 2007)

O trabalho cultural feito por vendedoras ambulantes ocorre na “carrera”: um modo de vida baseado em ativação permanente, improvisado e redes informais. As suas atividades são construídas na informalidade, ao menos oficial, fora dos moldes lineares e formais (De Tommasi, L.; Silva, G. M da., 2020).

O pensamento de Velho (1994) contribui ao explorar trajetórias individuais e estratégias de adaptação em contextos de vulnerabilidade — como as trabalhadoras informais no Centro Histórico de Belém — no enfrentamento das incertezas urbanas e

na construção de percursos próprios de mobilidade social, seus projetos de vida, que incluem a autonomia do “trabalhar por conta própria”, que se metamorfoseiam-se, se reinventam continuamente, adaptando-se às transformações urbanas, políticas e econômicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – AMBULANTES DO SAMBA EM BELÉM

No decorrer de nossa pesquisa buscamos evidenciar que as vendedoras ambulantes são agentes fundamentais na construção da cidade, na economia popular e na invenção da cultura (Wagner, 2018). A partir das reflexões dos dados de campo, observamos que as suas trajetórias individuais rompem com costumes tradicionais (Velho, 1994), tendo como evidência a destreza e a capacidade de adaptação diante de constantes adversidades que marcam seus cotidianos. Mediante o uso dos conceitos de *habitus* e capital social (Bourdieu, 1989)³⁸, é possível compreender como as experiências moldam o trabalho particular destas mulheres, evidenciando que essa atividade não é apenas uma escolha individual, mas um reflexo de estruturas sociais que limitam e, ao mesmo tempo, possibilitam suas atuações.

Convém enaltecer que as narrativas de cada vendedora, ao mesmo tempo que refletem suas histórias, trazem memórias da cidade³⁹, aliadas às suas práticas de trabalho (Eckert e Rocha, 2013), chamando atenção para conflitos e contradições vividos em seus cotidianos. A memória do trabalho se expressa em narrativas biográficas, como das interlocutoras Selma Sousa e Adriana Nunes, que contam como enfrentam repressões e criaram redes de solidariedade, principalmente embates com os fiscais da Secretaria Municipal de Economia – (SECON): “E assim, a gente tá fazendo agora então, a gente tá tendo um pouquinho mais de voz, mas porque a gente tá peitando mesmo. Às vezes cola, às vezes não, e, assim a gente vai vendo. É assim que funciona, a venda do ambulante é isso” (16/05/24).

Elas reinventam o uso da cidade, negociam espaços e enfrentam fronteiras entre o legal e o ilegal com criatividade e coragem, a cidade não é apenas cenário, mas obra viva, construída por estas mulheres em suas práticas cotidianas. Após expressarem, de forma recorrente, certo apagamento de seus protagonismos na festa, destacando suas participações na construção do evento Batuque Samba na Feira do Açaí, nossas interlocutoras nos demandaram a produção

³⁸ O conceito de *“habitus”* (1989), empregado para esta pesquisa, no caso das mulheres trabalhadores informais, inclui valores como resistência, adaptabilidade, cuidado, e estratégias de sobrevivência apreendidas em contextos de vulnerabilidade, principalmente urbana. Enquanto ao conceito de *“Capital social”* (1989), sua aplicação se dá ao argumento às mulheres que atuam no mercado informal, no qual muitas vezes dependem de apoio para conseguirem garantir segurança no espaço urbano, conseguir mercadorias, ter acesso burocrático para realizar um evento cultural, como o Samba Fé no Butuque, compartilhar estratégias de vendas ou ocupar um determinado espaço ou evento cultural.

³⁹ Ainda que não tenham sido trabalhadas neste momento.

de um material audiovisual, que se tornou um desdobramento de nosso trabalho etnográfico. A obra documental “Águas do Samba: Uma história do Samba Batuque na Feira do Açaí” (2024)⁴⁰, foi requerida por elas para ser exibida no evento em comemoração aos quatro anos do samba, com a inclusão de registros capturados ao longo da pesquisa de campo, a partir do sentimento entre as interlocutoras de invisibilidade de sua própria história (Bezerra, 2025).

A cidade de Belém é palco de experiências múltiplas, onde o trabalho se entrelaça com trajetórias pessoais, coletivas e simbólicas (Eckert e Rocha, 2015). O trabalho destas mulheres é imprescindível para a subsistência diária, porém, ainda é invisibilizado pelas políticas públicas. Usam a astúcia para driblar censura e exclusão, reinventando o uso dos espaços públicos que não lhes foram oficialmente concedidos. São vendedoras ambulantes que (re)apropriam-se de espaços e práticas, mesmo em contextos de dominação.

A pesquisa evidencia que o trabalho ambulante é um modo legítimo de produzir cidade, misturando trabalho, cultura e afeto, e desafiando o modelo formal e excludente do planejamento urbano. Apesar de serem produtoras de espaço vivido, onde a experiência simbólica e a afetiva estão presentes, nossas protagonistas são invisibilizadas, sustentam redes produtivas e familiares, mas sem reconhecimento formal. O trabalho informal não é apenas precariedade — é também invenção cotidiana (Certeau, 1994). Suas práticas cotidianas se transformam em estratégias de sobrevivência, reconhecimento e pertencimento. E suas atuações podem — e devem — ser reconhecidas como formas legítimas de atuação profissional, cultural e política.

Com a volta das Rodas de Samba na Feira do Açaí, inaugurada em junho de 2025, a informalidade urbana corre o risco de ser criminalizada ou invisibilizada, em nome de uma “ordem” voltada ao turismo e à diplomacia. Apesar das reformas urbanas ligadas à COP 30, que ameaçam sua permanência, as ambulantes podem responder com criatividade e formação de redes. Pelo centro de Belém, já ocorriam disputas intensas, porém, com a aproximação da COP 30, que reconfigurou estes espaços, tanto em sua ocupação territorial, quanto na construção de uma nova imagem da cidade para o mundo, elas foram acirradas (Bezerra, 2025).

Em vez de projetos de “higienização urbana”, como os que antecedem a COP 30, a revitalização urbana deveria incluir estes agentes culturais locais como protagonistas (Reis, 2006).

⁴⁰ Cf. o mini documentário *Águas do Samba - Uma história do Samba Batuque da Feira do Açaí (Belém/PA)*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_lR6ZCq3cd0.

Nossa pesquisa compreende a rua como território de trabalho, apropriado pelas ambulantes, que enfrentam desafios, como insegurança, invisibilidade e ausência de políticas públicas (Rosalino, 2024). Diante do exposto, a informalidade, longe de ser um problema a ser eliminado, pode ser reconhecida como potência criativa, econômica e cultural. Sabemos que, assim como, a maioria das trabalhadoras do Brasil, as ambulantes exercem uma atividade profissional ao desenvolverem estratégias de permanência, como ocupar sempre o mesmo ponto e negociar com fiscais da Secon e políticos. Aprendem com colegas mais antigos, constroem redes de solidariedade e desenvolvem saberes práticos — como lidar com clientes, escolher mercadorias e se posicionar na rua, como uma resposta moderna às incertezas urbanas Giddens (1991).

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento. *Núcleo de Pesquisa da FINAN*, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2012.
- ALMEIDA, Paula. Pará registra a maior taxa de trabalhadores informais do país no último trimestre de 2024. *O Liberal*, Belém, 14 fev. 2025. Disponível em: <https://www.oliberal.com/economia/para-registra-a-maior-taxa-de-trabalhadores-informais-do-pais-no-ultimo-trimestre-de-2024-1.918909>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- ANTUNES, Ricardo. A corrosão do trabalho e a precarização estrutural. O Averso do Trabalho III. São Paulo: Outras Expressões, p. 19-26, 2013.
- BARROSO, Priscila Farfan. “Na rua!”: mercado de trabalho e trajetórias sociais de vendedores informais. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 5, n. 2, p. 22–38, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/cadecs/article/view/19436>.
- BEZERRA, Luíza Brilhante. “O canto do trabalhador”: etnografia sobre relações de trabalho ambulante, sociabilidades e poder na festa Samba Batuque Feira do Açaí em Belém (PA). Belém: Universidade Federal do Pará, 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará.
- BECKER, H. S. 2008. *Outsiders: estudo de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidente da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 02 fev. 2025.
- _____. *Consolidação das leis do trabalho. Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943*. Aprova a consolidação das leis do trabalho. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1940-1949/1943/html/dl5452.htm. Acesso em: 27 out. 2025.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. *Boletim Mulheres no Mercado de Trabalho*. Brasília: MTE, mar. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/estatisticas-trabalho/publicacoes/boletim_mulheres_8m_20250307.pdf. Acesso em: 9 jul. 2025.

BRILHANTE, Luíza. *Mini doc águas do samba – uma história do samba batuque da feira do açai (Belém/PA)*. Belém, PA: Biblioteca Central UFPA, 2024. 1 vídeo (10 min. 57 seg.) Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_IR6ZCq3cd0. Acesso em: 9 jul. 2025.

CASTRO, Edna Ramos de; CAMPOS, Índio. Formação socioeconômica e desenvolvimento regional na Amazônia. In: CASTRO, Edna Ramos de; CAMPOS, Índio (Orgs.). *Formação socioeconômica da Amazônia*. Belém: NAEA, 2015. p. 15–36.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 1994.

CRENSHAW, Kimberlé. “Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color”. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – DIEESE. *Mulheres no mercado de trabalho: desafios e desigualdades constantes*. Boletim Especial 8 de Março – Dia Internacional da Mulher. São Paulo: DIEESE, 2024.

DE TOMMASI, L.; SILVA, G. M da. Empreendedor e precário: a carreira “correria” dos trabalhadores da cultura entre sonhos, precariedades e resistências. *Revista de Ciências Sociais*, nº 52, janeiro/junho de 2020, p. 196-211

DUARTE, Isabela; CONSIDERA, Kelly Claudio; MELO, Hildete Pereira de; OLINTO, Roberto. Uma breve análise do mercado de trabalho brasileiro à luz da desigualdade de gênero, 2012-2023. *Blog do IBRE*, 19 mar. 2024. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/uma-breve-analise-do-mercado-de-trabalho-brasileiro-luz-da-desigualdade-de-genero-2012-2023>. Acesso em: 9 jul. 2025.

ECKERT, Cornelia; CARVALHO DA ROCHA, Ana Luiza. Um projeto antropológico: o estudo da memória do trabalho na cidade moderno contemporânea. In: *Etnografias do trabalho, Narrativas do tempo*. Porto Alegre: Marca visual, 2015.

GEORGES, Isabel da Silva C. F. (2008). A naturalização da precariedade: trabalho informal, « autônomo » e cooperativado entre costureiras em São Paulo (Brasil). *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo*, 19, p. 79-95.

GIDDENS, A. 1991. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Rio de Janeiro: Diáspora Africana, 2018. p. 331–342.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniëlle. *La división sexual del trabajo: permanencia y cambio*. Buenos Aires: Asociación Trabajo y Sociedad, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: outras formas de trabalho 2023*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html>. Acesso em: 9 jul. 2025.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade In: *O Direito à Cidade*, São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Gonçalves M.; RODRIGUES, Izabel, C. Trabalho feminino na Feira do Açaí, no Complexo do Ver-o-Peso. In: *Mercados Populares em Belém: produção de sociabilidade e identidades em espaço urbano/ Carmem Izabel Rodrigues, Luiz de Jesus Dias Silva, Vynes Ravena-Cañete, organizadores. – NAEA, 2017.*

REIS, Ana Carla Fonseca. *Economia da Cultura e Desenvolvimento Sustentável: o caleidoscópio da cultura*. Barueri: Manole, 2006.

ROCHA, Eduardo. ‘Batuque Feira do Açaí’: Ocupação Cultural no Centro Histórico de Belém celebra 4 anos com samba. *O Liberal*, Belém, 6 dez. 2024. Disponível em: <https://www.oliberal.com/cultura/batuque-feira-do-acai-ocupacao-cultural-no-centro-historico-de-belem-celebra-4-anos-com-roda-de-s-1.895223>. Acesso em: 9 jul. 2025.

ROSALINO, Yasmim Costa. Ao cair da noite: Uma etnografia com ambulantes noturnas em Belém do Pará. *Trabalho de Conclusão de Curso – Ciências Sociais, UFPA, Belém do Pará, 2024.*

SAFFIOTI, Heleieth. *Emprego doméstico e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1978.

SENNETT, R. *A corrosão caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SINGER, Paul. Economia solidária. *Estudos avançados*, v. 22, n. 62, p. 289-314, 2008.

TELLES, Vera da Silva. Trajetórias urbanas: fios de uma descrição da cidade. In: *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. Tradução. São Paulo: Humanitas, 2006.

TELLES, Vera da Silva; HIRATA, Daniel Veloso. (2007), Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. *Estudos Avançados*, v. 21, n. 61, p. 173-191, 2007.

VELHO, G. *Um antropólogo na cidade: ensaios de Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.